

EDITORIAL

DOSSIÊ ESTUDOS EM ECOLOGIA DA ATENÇÃO

A ideia deste dossiê surgiu num grupo de estudos em torno do problema da atenção. Desde 2014 pesquisadores, professores e alunos de mestrado e doutorado em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade do Estado do Rio de Janeiro têm se reunido em um grupo de estudos mensal para a leitura e discussão de textos sobre atenção. Organizado pelo Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos (NUCC), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, este grupo se articulou em torno do interesse comum que era entender os efeitos do uso maciço das tecnologias digitais no funcionamento da atenção nos dias atuais. Alguns dos participantes já haviam frequentado uma primeira versão do grupo, que ocorrera entre os anos de 2003 e 2004. Dez anos depois, o problema da atenção não apenas continuava relevante como colocava novos desafios para os estudos da cognição e da subjetividade contemporâneas.

Além do interesse comum pela temática, os integrantes do grupo, inspirados pela abordagem enativa de Francisco Varela, pelos estudos da produção da subjetividade de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Gilbert Simondon e pela pragmática fenomenológica partilham uma mesma orientação da pesquisa em cognição. Esta se afasta do modelo da representação e não busca leis e princípios invariantes de seu funcionamento. Numa outra direção, a cognição é entendida como criação, como invenção de si e do mundo. As pesquisas se interessam pela emergência co-engendada de sistemas cognitivos e domínios cognitivos, assim como pelas transformações da cognição que se produzem no acoplamento sujeito-mundo.

Buscando entender o problema do funcionamento atencional no mundo contemporâneo, foram lidos e discutidos textos de autores como Katherine Hayles, Dominique Boullier, Bernhard Waldenfels, Shaun Gallagher, Étienne Bimbenet, Emmanuel Alloa e Jonathan Crary. O estudo do livro *24/7*¹ nos fez perceber que o problema das transformações contemporâneas da atenção nas configurações hegemônicas

¹ CRARY, J. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

da subjetividade não se devia apenas ao uso das tecnologias digitais, mas remetia a um campo mais amplo, do qual participam também vetores econômicos e políticos. Nesta mesma perspectiva, o livro *Pour une écologie de l'attention* de Yves Citton (2014)² mostrou-se um intercessor importante em nosso grupo. Lembrando Gilles Deleuze (1992)³, o fundamental nos intercessores é que eles constituem uma série que nos permite ao mesmo tempo exprimi-los e exprimir-nos. Falamos e afirmamos com ou contra eles. Mas, ao fazê-lo, criamos e não copiamos. Em suas palavras: “O importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento” (Deleuze, 1992, p.156). Neste sentido, o livro de Citton produziu ressonâncias no grupo, convocando seus integrantes a pensarem com ele. Ao propor um posicionamento no campo dos estudos da atenção que nomeou como Ecologia da Atenção, não apenas trouxe formulações instigadoras, como reuniu ideias e intercessores que, de alguma forma, já apareciam nos trabalhos dos participantes do grupo. Assim, cada texto deste dossiê foi resultado desse encontro com as ideias da Ecologia da Atenção. O pano de fundo de cada texto são as inserções singulares de seus autores - saúde, educação, arte - que deixaram seus trabalhos serem contaminados e, ao mesmo tempo, contaminando ideias e intuições apresentadas por Citton.

A Ecologia da Atenção apresenta-se como uma reorientação nos estudos da atenção que privilegia sua dimensão individuante, heterogênea, estética, processual e coletiva. Nesta medida, a Ecologia da Atenção se afirma como uma alternativa ao paradigma da economia da atenção, que é marcado pelo individualismo metodológico. Segundo Citton, embora os trabalhos de Gabriel Tarde estejam nos primórdios da economia da atenção, é apenas em meados dos anos de 1990 que o campo começa a se estruturar. Georg Franck estabeleceu um primeiro quadro de análise que, embora marcante, ficou restrito a um pequeno público, sendo seguido pelos trabalhos de Michael Goldhaber, Thomas Davenport e John Beck. A principal tese da economia da atenção é que há, cada vez mais, uma grande oferta de produtos e bens culturais, mas existem recursos limitados de recepção desses bens. Portanto, na nova economia o que é raro e escasso é a atenção. É a atenção que tem e produz valor. A ideia de que a oferta é

² CITTON, Y. **Pour une écologie de l'attention**. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

³ DELEUZE, G. Os Intercessores. In: DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992, p. 151-168.

abundante, mas que a atenção é rara, fez com que o mundo dos negócios e a publicidade rapidamente voltassem seu interesse para a economia da atenção. O vocabulário utilizado no contexto desses estudos revela sua vinculação às questões caras ao capitalismo. Desde o *pay attention* em inglês, passando pelas ideias de investimento da atenção, pela referência a recursos atencionais preciosos e ao consumo da atenção, a linguagem deixa clara a preocupação com a criação de métodos e estratégias de gestão e otimização da atenção. Esta filiação aos valores do capitalismo acende o alerta quanto aos perigos dos dispositivos de captura que atuam diretamente na produção do desejo e da subjetividade.

Na busca por uma nova colocação do problema é desenvolvido o conceito de Ecologia da Atenção. O termo já vinha sendo usado, sem muita sistematização e de maneira mais ou menos dispersa, por alguns teóricos. Citton elabora então uma primeira sistematização no sentido de constituir um campo, buscando referências nos trabalhos de Arne Naess e Félix Guattari. Com Naess irá pensar a ecologia a partir da ecosofia. Segundo Naess a ecosofia seria uma forma de conhecimento não abstrato e vinculado à ação, portanto situado. Félix Guattari também comparece como intercessor, não apenas por sua contribuição ao desenvolvimento do conceito de ecologia, mas em função de seu posicionamento político em relação à temática. No livro *As três ecologias* Guattari (1990)⁴ considera a ecologia um campo vasto e complexo, que não pode ser estudado e explicado por uma única disciplina. Neste sentido afirma a necessidade de pensar a articulação e a transversalidade de diferentes planos da ecologia: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade. Sob tal perspectiva, a atenção aparece como um agenciamento de fluxos, máquinas, valores e territórios. Prestar atenção não é uma mera questão técnica ou cognitiva *stritu senso*, mas envolve escolhas ético-estético-políticas em favor do dissenso criador, da diferença e da alteridade. Esta última questão aparece no livro de Citton através da ideia de laboratórios estéticos. Estes constituem uma proposta de intervenção sobre os ecossistemas atencionais existentes. Através de práticas atencionais diversas pretendem criar sistemas de valores que tensionem as formas hegemônicas. É neste sentido a Ecologia da Atenção, diferente da Economia da Atenção, faz uma aposta estética. Está mais interessada na qualidade e na potência de criação da

⁴ GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

atenção nas experiências sensível e intelectual do que em sua quantificação em termos produtivistas e de lucro.

Por outro lado, a ecologia da atenção opera uma reformulação fundamental, que consiste em escapar de uma abordagem individualista da atenção. Conforme argumenta Citton, tanto a disciplina econômica ortodoxa, passando pela psicologia experimental herdada do século XIX até as neurociências cognitivistas partilham do individualismo metodológico. Em outras palavras, todas colocam o problema da atenção a partir do indivíduo. Como um sujeito (ou cérebro) atenta (ou não) para um objeto (ou problema). Os numerosos estudos sobre o chamado transtorno de déficit de atenção (TDAH) constituem exemplos dessa forma individualista e limitada de conceber a atenção. Na perspectiva ecológica a atenção não é individual, mas individuante, como atestam os estudos sobre seu funcionamento na experiência estética e nos gestos de atenção a si. Na mudança da economia da atenção para a Ecologia da Atenção abrimos mão de todo tipo de determinismo e de explicações totalizantes. Em seu lugar, surgem estudos locais de ecossistemas atencionais, que exigem um acompanhamento de processos e uma cartografia de relações, agenciamentos e conexões. Citton formula seu argumento a partir do desenvolvimento dos conceitos de atenção coletiva, atenção conjunta e atenção individuante. Estas e suas relações surgem como questões a serem desdobradas.

As questões abertas pela proposta ecológica produzem assim fortes ressonâncias em nossos temas de pesquisa. Elas permitem dar continuidade, assim como um novo alcance, a trabalhos nos quais já vínhamos buscando enfatizar a dimensão processual, múltipla e criadora da atenção. Seja a partir da análise histórico-genealógica das condições de emergência da atenção como problema moral, existencial e médico (CALIMAN, 2008)⁵, de releituras de autores clássicos como William James (CALIMAN, 2008⁶; FERRAZ; KASTRUP, 2007⁷), do processo de cultivo e aprendizagem da atenção

⁵ CALIMAN, L. V. Os valores da atenção e a atenção como valor. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 3, p. 632-645, 2008.

⁶ CALIMAN, L. V. A atenção em James: "make matrix". In: ARRUDA, A.; BEZERRA, B.; TEDESCO, S. (Org.). **Pragmatismos, Pragmáticas e Produção de Subjetividades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008, p. 83-118.

⁷ FERRAZ, G. C.; KASTRUP, V. Movimentos da atenção? Um diálogo com William James. **Memorandum** (Belo Horizonte), v. 13, p. 61-72, 2007.

presente nas práticas de estudo e pesquisa (SANCOVSCHI; KASTRUP, 2013⁸; KASTRUP, 2007⁹; KASTRUP, 2004¹⁰), dos regimes contemporâneos de funcionamento da atenção (CALIMAN, 2012¹¹) ou ainda da dimensão de subjetivação e criação presente nas práticas estéticas (KASTRUP, 2012¹², 2007¹³), a atenção foi pensada por cada um de nós como um processo complexo e dinâmico, aprendido e cultivado nas interações e práticas coletivas.

Delineia-se aos poucos o tema deste Dossiê, que busca ampliar o campo problemático dos estudos psicológicos da atenção a partir das ressonâncias com a ecologia da atenção. Os textos aqui reunidos convocam como intercessores, além de Yves Citton, autores como Tim Ingold, Daniel Stern, Hugo Munstemberg, Hanne De Jaegher, Ezequiel Di Paolo entre outros. Buscam fecundar, a partir de áreas diversas como saúde, educação, arte e a própria pesquisa, o campo da psicologia da atenção. Eles foram propostos por autores participantes do grupo de estudos e convidados e passaram por um amplo processo de discussão no grupo. Após esse processo os textos foram formalmente revisados por pareceristas ad-hoc.

O texto **Da economia à ecologia da atenção** de Yves Citton que abre o dossiê Estudos em Ecologia da Atenção constitui uma tradução inédita para o português da introdução do livro *Pour une écologie de l'attention* publicado em 2014 na França. Neste texto Citton parte de um diagnóstico de nossa contemporaneidade que se caracteriza por uma oferta pletórica e superabundante des bens culturais para discutir o problema da atenção. Articulando suas ideias com as de Félix Guattari, Arne Naess e Gilbert Simondon, apresenta a proposta da ecologia da atenção como uma alternativa à economia da atenção.

⁸ SANCOVSCHI, B.; KASTRUP, V. Práticas de estudo contemporâneas e a aprendizagem da atenção. **Psicologia & Sociedade** (Online), v. 25, p. 193-202, 2013.

⁹ KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade** (Impresso), v. 19, p. 15-22, 2007.

¹⁰ KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia & Sociedade** (Impresso), Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 7-16, 2004

¹¹ CALIMAN, L. V. Os regimes da atenção na subjetividade contemporânea. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** (UFRJ. 2003), v. 64, p. 2-17, 2012.

¹² KASTRUP, V. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. **Revista TRAMA Interdisciplinar**, v. 3, p. 23-33, 2012.

¹³ KASTRUP, V. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Revista** (Impressa), v. 13, p. 69-90, 2007

No texto **O cultivo atencional como exercício de participação: oficinas com crianças na saúde mental** Luciana Vieira Caliman, Janaína Mariano César, Victoria Bragatto Rangel Pianca, Luana Gaigher Gonçalves, Alana Araujo Corrêa Simões e Anita Nogueira Fernandes analisam a relação entre cultivo atencional e exercícios participativos no contexto de uma oficina realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) com crianças e adolescentes que fazem uso de psicotrópicos, em Vitória/ES. A oficina constitui uma estratégia da Gestão Autônoma de Medicação (GAM). Com base nos trabalhos de Yves Cillon e Daniel Stern, as autoras destacam o exercício da atenção conjunta como uma via de construção de participação.

No texto **Atenção compartilhada e partilha de experiências na produção coletiva de sentidos**, Maria Clara de Almeida Carijó busca, a partir da perspectiva enativa, discutir o papel da atenção compartilhada (conjunta) para a produção coletiva de sentidos, enfatizando o caráter experiencial do fenômeno. A atenção compartilhada cria um plano comum da experiência, a partir do qual sentidos são criados. Os argumentos vêm acompanhados da análise de um relato em primeira pessoa da experiência de escrita de um texto acadêmico.

No texto **A atenção deambulatória: habilidade e aprendizagem na antropologia ecológica de Tim Ingold**, Gustavo Ferraz e Cesar Pessoa buscam, a partir da interlocução com o antropólogo Tim Ingold, retrabalhar o conceito de habilidade. Este passa a ser entendido como processo de fina sintonia atencional entre percepção, movimento e fluxos materiais. Adotam o andar como exemplo estratégico, comparando o caminhar por uma paisagem à mestria em uma dada atividade. Dessa maneira, ao mesmo tempo opõem-se à tese de que a mente, corpo e ambiente podem ser dissociados em favor de uma melhor compreensão dos processos cognitivos e apresentam uma concepção de atenção processual.

No texto **A atenção conjunta e o bebê cartógrafo: a cognição no plano dos afetos**, Virgínia Kastrup e Caio Herlanin desenvolvem o conceito de atenção conjunta à luz de intercessores ligados à ecologia da atenção, à abordagem da enação e aos estudos da produção de subjetividade, articulando-o às discussões sobre o método de pesquisa cartográfico. Neste contexto, por um lado, o bebê é descrito como um cartógrafo, na medida em que a sua atenção é concentrada e aberta ao plano coletivo de forças e afetos.

E, por outro, a interlocução com o trabalho de Daniel Stern possibilita que a atenção conjunta seja concebida como um modo de conhecer, fazendo ver uma dimensão cognitiva do afeto.

No texto **Cuidando de quem cuida: cartografia e atenção conjunta em uma instituição de educação infantil**, Bárbara Saddy, Beatriz Sancovschi e Virgínia Kastrup, a partir de uma pesquisa realizada em uma instituição de Educação Infantil com educadoras, desenvolvem o conceito de atenção conjunta em sua dimensão de cuidado. Com base no conceito de atenção conjunta e, em articulação com os trabalhos de Daniel Stern, Yves Citton, Daniela Guimarães e Jorge Larrosa, examinam como a atenção se mostrava nas formas de controle e cuidado nas interações entre educadores, crianças e pesquisadores. Defendem ao final a ressignificação do que se entende por cuidado e atenção tanto na escola quanto na pesquisa.

No texto **Impasses na sala de aula, atenção e laboratório estético**, Beatriz Sancovschi e Luiz Antonio Saleh Amado abordam o funcionamento da atenção na sala de aula no contexto do ensino superior. Defendem que a ecologia da atenção, ao fazer ver uma complexidade de regimes atencionais que coexistem e se co-afetam, abre perspectivas de enfrentamento dos impasses vividos no espaço acadêmico, tornando a queixa sobre a (des)atenção insuficiente. Neste contexto, os laboratórios estéticos são apresentados como estratégias de intervenção.

No texto **Sobre a atenção conjunta e a sintonia afetiva na dança Contato Improvisação** Manuela Link de Romero aborda o caráter estético e afetivo da atenção conjunta no contexto da dança Contato Improvisação. O exercício *stand* de Steve Paxton é ocasião para análise desse ecossistema atencional, com ênfase aos fenômenos de atenção conjunta e sintonia afetiva.

No texto **O exercício da atenção e a experiência estética do espectador no cinema: revisitando Munsterberg**, Fábio Montalvão Soares apresenta a proposta da ecologia da atenção para pensar o problema da atenção do espectador do cinema. O autor dialoga com Hugo Munsterberg, que aborda a atenção do espectador a partir da dicotomia atenção voluntária-involuntária, apontando seus limites.

Na sessão A atenção como experiência artística Stela Barbieri apresenta uma escrita poética no texto **A atenção imersa na distração** para pensar a relação entre

atenção, arte e educação. . Com base em sua experiência de artista e de educadora no Binah Espaço de Arte em São Paulo, descreve um funcionamento atencional que nomeia estado de ateliê. Segundo suas palavras, estar em estado de ateliê é uma mistura pulsante de transformações constantes, é um estado de atenção móvel na integração do corpo no espaço e de ação viva, de ser atravessado pelos acontecimentos, um certo modo de ser atingido pelo mundo, tingido pelo mundo.

Com a leitura dos textos deste dossiê o leitor poderá perceber que temos aqui mais do que uma coletânea, mas um campo de transversalidades. Estudos que priorizam a dimensão heterogênea, processual e afetiva da atenção, realizados nos campos da saúde, da educação, da arte e da pesquisa produzem, na contramão da tradição, outros modos de entender e estudar a atenção. Para além da preocupação com a realização de tarefas e a solução de problemas, temos em mãos um conjunto de estudos que ensejam novas questões e práticas em torno da atenção. Esperamos que possam se propagar e contagiar seus leitores.

Beatriz Sancovski

Gustavo Ferraz

Virgínia Kastrup